

Apostilas epigráficas – 16

José d'Encarnação¹

Resumo

A experiência acumulada (própria e alheia), a possibilidade de acesso a bases de dados deveras actualizadas e a utilização de inovadoras técnicas fotográficas digitais permitem analisar, agora, a nova luz epígrafes outrora complexas ou, até, de mui difícil compreensão.

Essa, a intenção deste breve ensaio em que, além de correcções pontuais, se procura dar conta, por exemplo, do avanço da investigação em relação à divindade indígena *Endovellicus* e do constante interesse que as inscrições romanas sempre despertaram.

Palavras-chave: *Endovellicus*; *civitas*; *res publica*; *CIL* II 258; *IRCP* 7, 260 e 514

¹Professor catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, na área de História Antiga e Arqueologia. Membro do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Membro do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão; Académico de mérito da Academia Portuguesa da História; Académico correspondente da Real Academia de la Historia (Madrid); membro efectivo da Academia das Ciências de Lisboa. Especializou-se em Epigrafia Latina, domínio em que a sua obra é reconhecida internacionalmente.

Abstract

Our experience, the epigraphic *corpora* always in actualisation and the use of revolutionary photographic techniques allow a new glance on the already published Roman inscriptions. So, in this essay, the recent studies of indigenous divinity *Endovellicus* are presented and other inscriptions of the Roman Lusitania are observed.

Keywords: *Endovellicus; civitas; res publica; CIL II 258; IRCP 7, 260 e 514*

1. Introdução

O fascínio exercido desde sempre pelas inscrições, designadamente pelas inscrições romanas (Encarnação 2023), levou não apenas ao seu estudo em todos os tempos, mas também à sua cópia, nomeadamente no século XVIII; por outro lado, superfícies assim tão bem preparadas para receberem a gravação de um texto aliciavam a que um espaço deixado em branco pudesse ser reaproveitado para receber outra epígrafe. Esse, por conseguinte, o primeiro tema a abordar neste ensaio.

Desde o século XVI que causou admiração a quantidade de inscrições dedicadas a *Endovellicus* (Guerra 2008), divindade indígena que mereceu a Scarlat Lambrino (1951) circunstanciada reflexão. Pareceu-nos ser oportuno – tantos têm sido os estudos realizados, como se verá pela extensa lista bibliográfica sobre esse tema – dar deles nova panorâmica, aproveitando o ensejo para corrigir uma leitura.

O 3º ponto a focar prende-se com CIL II 258 e o notável sítio do Alto da Vigia, junto à Praia das Maçãs, no concelho de Sintra. Clarificam-se questões deixadas em aberto.

Repensar-se-á o significado do uso epigráfico dos conceitos *civitas* e *respublica* a identificar promotores de homenagens, a propósito, concretamente, de IRCP 7, que em 2023 voltou a ser alvo de análise.

2. Monumentos epigráficos copiados e reutilizados

Recordou Alison Cooley (2000) que as antigas inscrições podiam ter uma pós-vida, na medida em que assistíamos, amiúde, à sua reutilização e, até, reinvenção.

Já houve de salientar, a esse propósito (Encarnação 2014, p. 414), o facto de se verificar uma nítida e perfeitamente explicável diferença entre os estudiosos do Renascimento e os do séc. XVIII: nos séculos XVI e XVII **inventam-se** inscrições, amiúde colando partes significativas de outras autênticas e de textos literários ou, até, mascarando a invenção mediante o uso de anacronismos ortográficos; no século XVIII, as inscrições antigas em perigo de se perderem ou já de leitura difícil devido à usura dos tempos **são copiadas**, não se eximindo o copista de expressamente indicar que se trata de uma cópia. Nos séculos XVI e XVII, conhecendo-se já o enorme valor probatório de uma epígrafe, procura-se criar um texto que justifique o heroísmo de um povo ou a prístina notoriedade de um aglomerado populacional, normalmente a cidade que procura salientar-se diante das demais; no século XVIII, a mentalidade é outra, porque se reconhece o valor probatório da epígrafe **original** e procura-se prolongar-lhe a vida através da cópia.

Aqui poderia inserir-se a polémica em relação a André de Resende. Hübner está a ser acusado, agora, de hipercriticismo em relação ao humanista. Bastava que uma epígrafe só tivesse sido

publicada por ele² ou que saísse dos parâmetros epigráficos ou, ainda, que nela estivessem claramente patentes anacronismos de monta, para que o epigrafista alemão a considerasse inventada. Aliás, na síntese que lhe dedica (CIL II p. XI, sob n^o 17), escreve: «*Quanquam insignem eum fuisse falsarium constat ex longa titularum sine dubio ab ipso fictorum serie*», isto é, «quão insigne falsário ele foi consta da longa série de inscrições que, sem qualquer dúvida, por ele foram forjadas».

Autores há, porém, que ora o procuram reabilitar,³ considerando, de modo especial, que ele poderá ter chegado a ver essas inscrições, até porque há notícia de que elas existiram, embora não exactamente com a leitura que o humanista delas fez; de resto, estão algumas no Museu de Évora – e essas não são autênticas, mas cópias, como a paleografia largamente o demonstra.

São bem conhecidas as cópias de inscrições como a da flamínia da *civitas splendidissima*, encastrada no frontispício da igreja da Bobadela, Oliveira do Hospital;⁴ as elaboradas em Santiago do Cacém também a partir de originais autênticos (IRCP 156 a 158, por exemplo); a placa embutida na parede sobre a porta sul da matriz de Cuba, cópia datada do A(*nno*) D(*omini*) 1724, consoante nela consta após as siglas que identificam quem procedeu ao restauro: F(rancisco) J(osé) O(liveira) – «*evanidam restituit*», informa Hübner (CIL II 94 = IRCP 334)⁵;

² Nem sempre, porém, assim acontece. Veja-se CIL II 26 (=IRCP 154), sobre a qual Hübner comenta: «*sola Resendii fide nititur, nec tamen videtur ficta esse*».

³ Cite-se o caso da Doutora Alicia María Canto (2004). Do «gran humanista português Andrés de Resende» observa: «*muchas veces tachado de falsario, a nuestro juicio injustamente*» (p. 265).

⁴ As mais recentes reflexões sobre esta epígrafe podem ser consultadas em Encarnação 2018, pp. 158-164.

⁵ André de Resende copiou a inscrição original (1593, fol. 242).

No que se refere a reutilização de epígrafes, há um testemunho desta zona ocidental de Hispânia, não da Lusitânia mas da cidade de *Bracara Augusta*, também elucidativo da mentalidade que começava a brotar. Em Novembro de 1835, quando se abriam os caboucos do novo hospital da cidade, o Hospital de S. Marcos, na Rua dos Falcões, encontrou-se uma inscrição romana. Houve o cuidado de a salvar, encastrando-se na parede do hospital, «male picta», observa Hübner, que a viu e decalcou, em meados desse século. O significativo para o nosso tema é a placa que lhe foi subposta e que reza o seguinte:

«Esta pedra foi achada aos 15 palmos neste citio no ano de 1835 sendo provedor do Hospital Mota».

Certamente já se identificou o Mota referido; contudo, o que de momento nos interessa é verificar como a um aparentemente singelo achado foi atribuído valor digno de passar para a posteridade. Por estar delida, cedeu-se à tentação de a reavivar com tinta, *male* («mal»), como escreve Hübner.

Não vem ao caso esmiuçar a real importância dessa epígrafe, que, naturalmente, não tem passado despercebida, não estivera ela onde está. Poder-se-á, todavia, a partir dos dados que Armando Redentor apresentou (2017, nº 66, p. 66 do II volume), chamar a atenção para o facto de estarmos perante uma dedicatória oficial, a qual, em seu entender, «aparenta decorrer de acção de propaganda política desencadeada pelo séquito do legado» (Redentor 2017, II, p. 556), pois Júpiter é invocado *pro salute* do senador (*clarissimus vir*) *Triarius Maternus, legatus iuridicus*, «que teremos de entender», observa Armando Redentor, «com mandato *per Asturiam et Callaeciam*», de que – já Hübner (CIL II 2415) o anotara – apenas mais três se conhecem. De origem itálica, identifica-se com o cônsul ordinário do ano 185 e a inscrição, feita também em prol da filha de *Maternus, Procula*, é dedicada, acrescenta Redentor (2017, I, p. 258),

por um *comes*, isto é, por um elemento da sua comitiva deslocada em *Bracara Augusta*, na fase final do reinado de Marco Aurélio.

O aproveitamento dos suportes romanos para neles se gravarem outras inscrições também é conhecido:

– Na face posterior do altar funerário de *Clodia Compse*, de Couto de Baixo (Viseu), foi inscrito o poema em memória de Juvêncio (Soares 1992).

– Segundo a tradição local, colhida por Estácio da Veiga, na ara votiva achada no Sítio da Retorta, Boliqueime (IRCP 59), um pintor mandou gravar HIC ALPHONSVS, a fim de perpetuar a sepultura do filho!

– A seguir ao epitáfio de *Licinia Maela*, de Lisboa, está notável inscrição árabe do tempo de Almansor (985 d. C.), que Carmen Barceló teve ocasião de estudar (2013).

3. *Endovellicus* e IRCP 514

Sempre se preconizou ser boa opção científica dar a conhecer os resultados da investigação em curso, mesmo quando há pontos obscuros a resolver. Pôr em comum as dúvidas, expor-se às críticas susceptíveis de clarificar ou argumentar contra a opinião expendida considero eu ser essencial para se progredir.

É, pois, de ver com bons olhos que, mormente naquelas interpretações apresentadas em termos de dúvida, outras achegas validamente se proponham. Assim, José d'Encarnação teve oportunidade de apresentar, em 1984 (IRCP, inscrições 483-559 e síntese nas pp. 800-805), o ponto da situação em relação ao que se conhecia, até então, sobre o culto à divindade indígena Endovélico; sintetizou singelamente, em 1995, o que foi designado de 400 anos de estudos sobre tão sedutora divindade (dado, por exemplo, o enorme conjunto de epígrafes que lhe foram dedicadas e que corre sério risco

de se ver aumentado); analisou posteriormente a condição social e as motivações dos seus devotos (2008).

Entretanto, sob a égide do Instituto Arqueológico Alemão e tendo como responsáveis Carlos Fabião, Amílcar Guerra e Thomas Schattner, gizou-se para o local do seu santuário um projecto de investigação, que já proporcionou mais informação, na sequência dos trabalhos arqueológicos aí realizados e a consequente descoberta de novas epígrafes (Guerra *et alii*, 2002, 2003, 2005, 2008, 2009).

José Cardim Ribeiro, no quadro da exposição sobre as religiões da Lusitânia que comissariou, acabou por preparar também uma síntese sobre o culto a esta divindade (Ribeiro 2002). Por seu turno, no mesmo volume Maria Manuela Alves Dias recordou o chamado cântico a Endovélico.

Para já, na sequência de toda essa investigação, dever-se-á referir que a grafia do teónimo se enriqueceu. Além das formas (em dativo) *Endovellico*, *Enobolico*, *Endovol(l)ico*, *Indovellico*, por vezes precedidas de *Deo* e três vezes de *sancto* ou mesmo em sigla (IRCP 550) ou em abreviatura (IRCP 553 e 556) (cfr. IRCP pp. 802-803), registaram-se duas formas diversas – *d(eo) d(omino) Ennov(olico)* e *Endove(l)eco* – a ratificar a hipótese que se tem apontado de essas variantes corresponderem à dificuldade de tanto o lapicida como o encomendante do ex-voto epigrafado compreenderem o nome que lhes era transmitido oralmente pelos indígenas⁶.

Por outro lado, também a leitura e a respectiva interpretação das epígrafes fica enriquecida com novos olhares. Assim se agradece à Dra. Manuela Alves Dias a gentil sugestão de, em IRCP 514, se ler *Elvia*

⁶ Um testemunho actual dessa influência da oralidade: um casal português, imigrante na Alemanha, onde se relacionou com uma família jugoslava, deu à filha o nome de Ilina, variante do antropónimo Helena. Uma menina brasileira recebeu o nome de Daiane, porque os pais, querendo assim homenagear a memória da princesa Diana, mandaram escrever o nome como em inglês se pronunciava.

Ylas e não *Ybas*. A proposta resulta de se ter atentado melhor na superfície epigrafada, que aí sofreu um golpe (Fig. 1). Na verdade, apesar de o traço inferior aparentar semelhanças com o B, certo é que nada se observa no vértice superior da barra vertical que possa justificar o arranque da curvatura para se gravar o B. Corrija-se, pois, a leitura para *Ylas*, corruptela do antropónimo etimologicamente grego *Hylas*, de que Solin deu conta de um total de 49 testemunhos (1982, pp. 520-521).

Alicia Canto – citada em HEP 14, nº 436 – preferiu interpretar *Ylias*, aduzindo 8 testemunhos de Itália e sublinhando a menção a *Calpurnia Ilias Eborensis ex Lusitania*, patente em CIL VI 14 234. A observação acurada da superfície epigrafada mostra que o suposto I não passa de uma leve moosa da pedra.

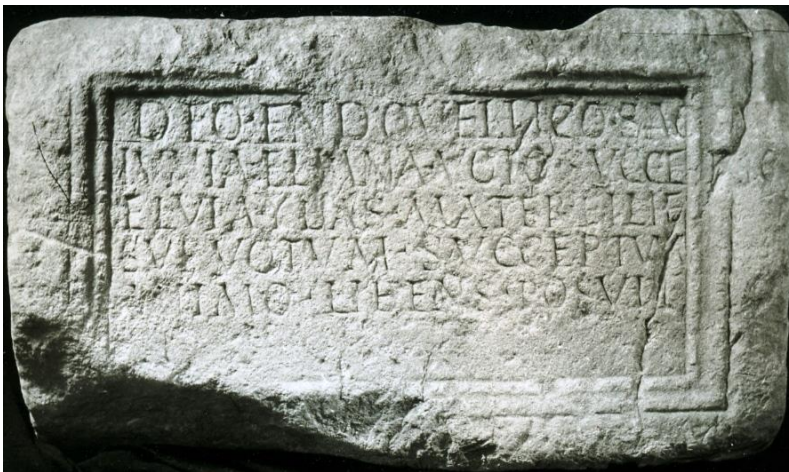


Figura 1 - IRCP 514. Foto de Guilherme Cardoso

A leitura é, pois, como segue:

DEO · ENDOVELLICO · SAC(rum) / IVNIA · ELIANA · VOTO ·
SVCCEPTO / ELVIA · YLAS · MATER · FILIE / SVE · VOTVM ·
SVCCEPTVM /⁵ ANIMO · LIBENS · POSVIT

Consagrado ao deus Endovélico. Júnia Eliana, por voto assumido. Élvia Ilas, a mãe, cumpriu de boa vontade o voto assumido de sua filha.

Susceptum está por *susceptum*, participio do verbo latino *suscipere*, ‘tomar a seu cargo’. Por conseguinte, Eliana ter-se-á comprometido perante alguém a pagar uma promessa à divindade; sua mãe disso teve conhecimento e quis ela própria dar cumprimento a esse compromisso. A expressão é, aliás, tão comum que frequentemente surge em sigla, como acontece nesta epígrafe de Cluj-Napoca, na Dácia (AE 1976 575): *Silvano / Domes(tico) Va/ler(ius) Vale/rianus v(otum) s(usceptum) l(ibens) s(olvit)*.

4. CIL II 258

Em 2015, teceu José d’Encarnação considerações acerca da autenticidade – que procurou documentar – da dedicatória feita ao Sol e à Lua pelo legado imperial *Sextus Acidius Perennis* (CIL II 258).

Os trabalhos levados a cabo pela equipa de José Cardim Ribeiro no planalto sobranceiro à foz do Rio de Colares – onde, na verdade, se lograram identificar vestígios de um santuário a essas duas divindades (Ribeiro, 2002, pp. 235-239) – mostraram já a enorme importância desse sítio, aonde tudo leva a crer que os legados imperiais faziam questão de ir como que em peregrinação, tal o génio que do local se desprendia (Ribeiro 2019).

Foi um deles *Sextus Acidius Perennis* e, ao contrário do que aquele epigrafista escreveu em 2015, *Acidius* não é um *hapax*, porque – conforme a Doutora Alicia Canto teve ocasião de comunicar, registam-se, desde já, outros dois testemunhos: *Acidius Gelasinus*, que, em Roma (CIL VI 24 575), manda gravar o epitáfio da *soror karissima et dulcíssima, Pompeia Veratia*, precocemente falecida quando ainda tinha, de vida, 23 anos, 10 meses e 20 dias; e, em Praeneste (CIL XIV 3039), achou-se um tubo de chumbo com a indicação do fabricante, *Publius Acidius Attianus*. Ambos, portanto, realça Alicia Canto, de

origem itálica, «lo que no va mal con tal posible origen para el devoto legado».

Recorde-se que Alicia Canto (2004) deu muito valor probatório ao relato do viajante inglês John Breval e, em relação à autenticidade desta epígrafe, não deixa de salientar, primeiro, «el hecho real de que John Breval vio los restos del templo y las inscripciones, que aún eran legibles al menos hace algunos años; depois, porque «él era un ocasional viajero inglés, que por tanto no tenía ningún interés en defender ninguna primacía entre ciudades y se podía permitir ser objetivo, como siempre comprobé que lo es en sus descripciones».

Haveria, pois, que se ter chamado a atenção, no artigo de 2015, para este «testigo *de visu*» e para o facto de ele se ter referido a «lo que quedaba del templo a comienzos del XVIII».

5. *Civitas e res publica*

Ao comentar a inscrição IRCP 7, referente a *Marcus Cornelius Persa*, patrono de *Ossonoba*, cidade, que, em documentos epigráficos, ora vem mencionada como *civitas* ora como *respublica*, escreveu José d'Encarnação (2023, p. 18):

«Perfila-se, porém, uma conclusão, se assim me é permitido inferir: dá a impressão de que só depois de ter sido obtido um estatuto (por exemplo, municipal) é que se põe de parte a identificação mediante a palavra *civitas*».

Esclareceu Patrick Le Roux⁷:

«Julgava eu que os laços entre *civitas* e *respublica* já se encontravam, doravante, bem definidos e haviam obtido consenso generalizado: a palavra *civitas* pode aplicar-se, pelo menos a partir dos Flávios, a toda e qualquer cidade. *Res publica* (ver Dardaine 2003) usa-se também para as cidades peregrinas com o tempo e, sem dúvida, por influência do próprio direito latino, se tal subentende, o mais das

⁷ Em carta de 13/11/2023, que se traduz.

vezes, um *municipium* na *Hispania*, dado que essa questão se não põe em relação às colónias. *Res publica* implica a existência duma 'caixa comum', enquanto que *civitas* incide mais sobre o corpo cívico, o grupo humano, mais em relação à política do que à gestão financeira».

A releitura do citado texto de 2023 permitirá, seguramente, melhor enquadramento da questão.

6. IRCP 260



Figura 2 - IRCP 260. Foto de Guilherme Cardoso.

Generaliza-se – e bem! – o hábito de, no comentário a um texto epigráfico, se dar importância à identificação dos personagens nele mencionados, por se partir do princípio de que o modo de identificação é sintoma de estatuto social e, por vezes, até de origem ou influência geográfica. Daí que uma leitura correcta seja de privilegiar.

Vem esta consideração a propósito de se haver verificado que o nome *Helaerianus* constante de bonito altar guardado no Museu Regional de Beja / Museu Rainha D. Leonor não fora tido em consideração nos habituais *corpora* epigráficos.

Aconteceu o seguinte: o lapicida romano decidiu desenhar os caracteres à mão levantada sem regra nem esquadro e deixou um tudo-nada mais de espaço entre o L e o A, na linha 2, o que provocou uma confusão tremenda: Resende (1593, fol. 203) leu HEL. AERIA e esse (ausente) ponto levou a que os responsáveis por dois dos catálogos que os especialistas utilizam como referência – a *Hispania Epigraphica* (no nº 21 147) e a base de dados <https://db.edcs.eu/> (nº 05500067) – fizessem por aí o corte do nome, dando, por conseguinte, uma ‘sequência’ estranha: «Hel---aerianus».

Do defunto há, de facto, apenas um nome: «*Helaerianus*», Heleriano, cuja grafia mais corrente é com I – «*Hilarianus*». Teremos, assim, a variante gráfica – devida, mui provavelmente, a má compreensão oral – de um nome latino conotado com a alegria (há, em português, o adjectivo hilariante). Será um escravo, como o professor Júlio Mangas (1971, p. 162) propôs, só porque se identifica apenas com um nome? Porventura não. Trata-se de um nome frequente: Irijo Kajanto registara, em 1965 (p. 260), a ocorrência de 50 testemunhos do nome *Hilarianus* e, desses, apenas 3 identificavam escravos ou libertos.

Bibliografia

AE = *L'Année Epigraphique*, Paris. [Indica-se o ano e o nº da inscrição].

BARCELÓ, Carmen, “Lisboa y Almanzor (374 h. / 985 d. C.)”, in *Conimbriga*, 52, 2013, pp. 165-194.

CANTO, Alicia M.^a, “Los viajes del caballero inglés John Breval a España y Portugal: novedades arqueológicas y epigráficas de 1726”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7(2), 2004, pp. 265-364.

CIL II = HÜBNER, Emílio, *Corpus Inscriptionum Latinarum – II*. Berlim: Academia das Ciências, 1869 e 1892.

DARDAINE, Sylvie, “Citoyenneté, parenté, conubium dans les réglemets des municipes flaviens de Bétique”, in ARMANI, Sabine; STYLOW, Armin U.; MARTINEAU, Bénédicte [coord.], *Epigrafia y Sociedad en Hispania durante el Alto Imperio: Estructuras y Relaciones Sociales*, Madrid-Alcalá de Henares, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2003, pp. 93-106.

COOLEY, Alison, *The Afterlife of Inscriptions: Reusing, Rediscovering, Reinventing and Revitalizing Ancient Inscriptions*, London: Institute of Classical Studies, School of Advanced Study, University of London, 2000.

DIAS, Maria M. Alves, “O chamado ‘Hino a Endovélico’”, in RIBEIRO, José Cardim [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002, pp. 91-92.

ENCARNAÇÃO, José d’, “Endovélico – 400 anos depois”, in RIBEIRO, José Cardim [coord.], *Dii · Deabusque (Actas do II Colóquio Internacional de Epigrafia «Culto e Sociedade»* [Sintra, 16-18.03.1995], *Sintra III-IV 1995-2007* [2011], Sintra, Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, pp. 149-163. <http://hdl.handle.net/10316/18329>

ENCARNAÇÃO, José d’, “Dédicants et cultores: quelques aspects... dans la Lusitanie romaine. Le cas d'Endovellicus”, in SARTORI, Antonio (coord.), *Dedicanti e Cultores nelle Religioni Celtiche* [Actas do VIII Workshop FERCAN (Fontes Epigraphici Religionum Celticarum Antiquarum), Gargnano (Itália), 9-12 de Maio de 2007], Milão, 2008, pp. 61-71. <http://hdl.handle.net/10316/9913>

ENCARNAÇÃO, José d’, “A inscrição e o seu duplo. O caso da flamínica Laberia Galla”, in DONATI, Angela [edit.], *L'Iscrizione e il Suo Doppio*, Faenza, Fratelli Lega Editori, Outubro de 2014, pp. 411-428. <http://hdl.handle.net/10316/27644>

ENCARNAÇÃO, José d’, “Era aqui que Febo adormecia”, in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 22, 2015, pp. 315-328. <http://hdl.handle.net/10316/32802>

ENCARNAÇÃO, José d’, “Apostilas epigráficas – 7”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia* 21, 2018, pp. 155-168. <http://hdl.handle.net/10316/81364>

ENCARNAÇÃO, José d’, “O multissecular fascínio das inscrições romanas”, in PETRACCIA, Federica [dir.], *E pluribus Roma* [Identità storica e artistica di una

realità urbana che ambiva a diventare 'memorabile']. Génova, De Ferrari Editore, 2023, pp. 41-56. <https://hdl.handle.net/10316/107241>

ENCARNAÇÃO, José d', "Persa, patrono de Ossónoba", *Anais do Município de Faro*, XLV, 2023, pp. 4-22. <https://hdl.handle.net/10316/110002>

GUERRA, Amílcar, "La documentation épigraphique sur Endovellicus et les nouvelles recherches dans son sanctuaire à S. Miguel da Mota", in HAESSLER, Ralph, e KING, Anthony C. [edit.], *Continuity and Innovation in Religion in the Roman West*, Série suplementar nº 67, vol. 2, do *Journal of Roman Archaeology*, 2008, pp. 159-167.

GUERRA, Amílcar; SCHATTNER, Thomas; FABIÃO, Carlos, "As recentes descobertas em S. Miguel da Mota (Alandroal) nas imediações do santuário de Endovélico", in *Conimbriga*, 41, 2002, pp. 295-297.

GUERRA, Amílcar *et alii*, "Novas investigações no santuário de Endovélico (S. Miguel da Mota, Alandroal): a campanha de 2002", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (nr. 2), 2003, pp. 415-479.

GUERRA, Amílcar; SCHATTNER, Thomas; e FABIÃO, Carlos, "La investigación del santuario de Endovélico en S. Miguel da Mota (Portugal)", in *Acta Palaeohispanica. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Barcelona, 20-24 de octubre de 2004)*. *Palaeohispanica*. Zaragoza, 2005, pp. 893-908.

GUERRA, Amílcar; SCHATTNER, Thomas; e FABIÃO, Carlos, "El mármol en el santuario de *Endovellicus*", in T. NOGALES; J. BELTRÁN FORTES (eds.), *Marmora Hispana. Explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana*, Roma, L'Erma di Bretschneider, 2008, pp. 391-405.

GUERRA, Amílcar; SCHATTNER, Thomas; e FABIÃO, Carlos, "Die Idealköpfe des Endovellicus – eine Zwischenbilanz", in V. GAGGADIS-ROBIN, A. HERMARY, M. REDDÉ, Cl. SINTES (eds.) -- *Actes du Xe colloque international sur l'art provincial romain; Les ateliers de sculpture régionaux: technique, styles et iconographie (Arles; Aix-en-Provence, 21-23 mai 2007)*. Aix-en-Provence / Arles: Centre Camille Jullian / Musée départemental Arles antique, 2009, pp. 483-494.

HEp = *Hispania Epigraphica*, revista editada pela Universidade Complutense de Madrid. Indica-se o número, a data da publicação e o número da inscrição.

IRCP = ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 2013. <http://hdl.handle.net/10316/578>

KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Helsinki, 1965. Roma, 1982 (reimp.).

LAMBRINO, Scarlat, "Le dieu lusitanien Endovellicus", *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, nova série, XV, 1951, pp. 93-146.

MANGAS, Julio, *Esclavos y Libertos en la España Romana*, Acta Salmanticensia, 62, Salamanca, 1971.

RENTOR, Armando, *A Cultura Epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis) – Percursos pela Sociedade Brácará da Época Romana*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Julho de 2017.

RESENDE, André de, *Libri Quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae a Lucio Andrea Resendio olim inchoati & a Iacobo Menoetio Vasconcello recogniti, atque absoluti*. Évora: Martinus Burgensis academia typographus, 1593. Vide também: FERNANDES, Raul Manuel Rosado, *André de Resende. As antiguidades da Lusitânia* [introdução. tradução e comentário], Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

RIBEIRO, José Cardim, “*Endovellicus*”, in RIBEIRO, José Cardim [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002, pp. 79-90.

RIBEIRO, José Cardim, “*Soli Aeterno Lunae. O santuário*”, in RIBEIRO, José Cardim [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002, pp. 235-239.

RIBEIRO, José Cardim, *Escrever sobre a margem do Oceanus: epigrafia e religio no Santuário do Sol Poente (Provincia Lusitania)*, Sylloge Epigraphica Barcinonnensis Anexos III, Universitat de Barcelona, 2019.

SOARES, Carmen Isabel Leal, “*VINCITVR HIC FATVS – O epitáfio métrico de Couto de Baixo*”, *Conimbriga*, 31, 1992, pp. 155-172.

SOLIN, Heikki, *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque, 1982.